

## Jill Rosemary Dias (1944-2008)

Jill Rosemary Dias nasceu em West Bromwich, no Reino Unido, em março de 1944, vindo depois a nacionalizar-se portuguesa. Obteve o seu doutoramento em História de Inglaterra pela Universidade de Oxford em 1973 – com uma tese sobre *Politics and Administration in Nottinghamshire and Derbyshire*.

Circunstâncias da sua vida pessoal levaram-na a Luanda no último ano da ditadura e da guerra colonial, acompanhando seu marido, Alberto Romão Dias, e converteram-na em historiadora da África colonial portuguesa com um interesse especial pelos labirintos da sociedade angolana do século XIX. Jill Dias dedicou-se ao seu mundo e, quase milagrosamente, conseguiu, em plena convulsão pré e pós-revolucionária, explorar dia após dia os arquivos históricos angolanos, encetando assim a sua carreira de africanista e um arquivo particular pacientemente transcrito pelo seu punho.

Desde o início do seu trabalho, tutelado por instituições portuguesas, que se rebelou, pioneira mas discreta, contra constrangimentos disciplinares. Na verdade, simplesmente se mantinha alheada desses limites, como dos que formalmente separam nacionalidades, instituições, estatutos ou idades.

Foi a marca dessa tranquila renitência que deixou nos cargos que exerceu no Departamento de Antropologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa que integrou em 1982 e a que presidiu empenhada durante vários anos, assumindo o lugar de Professora Catedrática em 1996. Aí lecionou disciplinas como História da Antropologia, História de África, Contextos Etnográficos Africanos, Colonialismo e Pós-Colonialismo e Temas do Pensamento Antropológico, atraindo colegas e estudantes, desse e doutros departamentos, por quem era particularmente querida. As suas aulas foram espaços de exemplar convivência da sensibilidade com a ciência.

Terá sido o mesmo espírito que a levou a estimular e agregar jovens investigadores de diferentes áreas, a criar o Centro de Estudos Africanos e Asiáticos do Instituto de Investigação Científica e Tropical, que dirigiu desde 1986, e a fundar a *Revista Internacional de Estudos Africanos*.

Pouco tempo antes de falecer integrara o CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia – , trazendo com ela o entusiasmo discreto mas cintilante que levava para cada novo desafio.

Traços raros de carácter, como a sua discrição e, eventualmente mais ainda, a sua inesgotável generosidade e disponibilidade profissional e pessoal, poderiam ter ofuscado o seu enorme talento e produção criativa e diversificada. Mas antes se aclararam mutuamente, para melhor ainda nos iluminarem.

A sua obra, reconhecida nacional e internacionalmente, inspirou de modo decisivo a investigação contemporânea na Antropologia Colonial e Pós-Colonial e na História da África Lusófona. O seu incentivo e apoio absoluto a todos os que ambicionavam pesquisar nessas áreas multiplicou-a. A dimensão do seu impacto só se revelou nos seus mais amplos e verdadeiros limites quando, com ela, morreu a sua discrição e até nós chegaram tantas manifestações de dor vindas de muitos diferentes lugares do mundo e do saber.

As competências e conhecimento de Jill Dias justificaram importantes convites por parte da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, que subsidiou as exposições sobre *África e Brasil nas Vésperas do Mundo Moderno*, em 1992.

O profícuo legado documental, bibliográfico e fotográfico de Jill Dias foi doado pela família à [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa](#), que delegou no [CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia](#), a sua gestão. O CRIA empenhou-se na sua inventariação, catalogação e divulgação com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que subsidiou o projeto *Jill Rosemary Dias: acervo documental, bibliográfico e fotográfico* com vista à concretização desses objetivos. No âmbito desse projeto foram publicados os livros *Cadernos de Jill Dias: Inventário de um Arquivo / The Jill Dias Notebooks: Archive Inventory* (Lisboa, CRIA, 2011), que inventaria o seu fundo documental depositado no CRIA, e *As Lições de Jill Dias: Antropologia, História, África, Academia / The Jill Dias Lessons: Anthropology, History, Africa, Academy* (Lisboa, CRIA, 2013), que reúne os contributos de uma homenagem de colegas e estudantes com o mesmo título realizada na Fundação Calouste Gulbenkian (2012), que também patrocinou as atividades e publicações.

## **Arquivo Fotográfico Jill Rosemary Dias**

Um dos projetos de investigação mais queridos de Jill Dias – e infelizmente não totalmente cumprido – era, justamente, o estudo da fotografia como fonte antropológica e histórica da África colonial portuguesa, tendo lançado várias pistas de investigação nesse sentido. Os originais de algumas das imagens que recolheu, de forma colecionista, encontram-se no Arquivo Fotográfico Jill Rosemary Dias, que, pelo seu valor patrimonial e independência orgânica, constitui um fundo próprio. Este acervo é constituído por cerca de 5000 peças fotográficas em suporte de papel e de película em estado de conservação diverso, apresentando sinais do tempo e, nalguns casos, de condições deficientes de preservação. Este material não se encontrava organizado nem identificado relativamente às formas de aquisição. No entanto, algumas das caixas que o constituíam, particularmente a coleção de 1331 postais – na sua maior parte das ex-colónias portuguesas em África – datados entre a última década do século XIX e a década de 80 do século XX, monocromáticos e policromáticos, de várias editoras, encontraram-se organizadas sob esses parâmetros, evidenciando tendência cartofilista.

Para além destes postais, o acervo conta com cerca de 200 fotogramas de 24×36, 1960 diapositivos e 1181 fotografias. Destas, 392 são avulsas, de vários formatos, a preto e branco, datadas entre a penúltima década de século XIX e a década de 50 do século XX, e as restantes incluídas em 10 álbuns temáticos (num total de 789 fotografias).

Algumas fotografias de autoria desconhecida, outras de fotógrafos de renome (como Sousa Machado, Freire d’Andrade e Serrano, ou da família Moraes: Abílio S.C. de Moraes, J. A. de Moraes, C. Moraes), outras ainda identificadas por casas comerciais – ora da “metrópole”, as mais antigas, ora das então colónias – retratam localidades e realidades várias de Angola, Moçambique, Guiné e S. Tomé, com incursões mais breves noutros contextos africanos. Na coleção é visível o cuidado na recolha de imagens eloquentes, não apenas relativamente às realidades sociais que retratavam, mas também às perceções de quem, assim, as retratava, evidenciando-se a relação colonial entre fotógrafo e fotografado, quer se tratasse de paisagens, engenhos, transportes, arquiteturas, equipamentos, ou de indígenas, mais ou menos “civilizados” pelas missões, classificados em *typos*, sexualizados, subordinados, em grandes encenações por alturas de visita real, ou exibindo a sua panóplia de instrumentos musicais.

Para além de uma inventariação sumária do arquivo, foram realizados *backups* digitais da totalidade das fotografias deste fundo, assim como cópias em baixa resolução, acondicionando os espécimes em suportes próprios com vista à sua preservação. Os direitos de propriedade manter-se-ão da FCSH-Nova/CRIA. A disponibilização pública deste material de importante valor histórico e etnográfico através da plataforma [Memórias d’África e d’Oriente](#) pretende estimular a pesquisa em temas e contextos caros a Jill Dias, através dos objetos e instrumentos que recolheu com esse objetivo, para além dos meramente estéticos a que era, claramente, sensível.

Maria Carneira da Silva  
(responsável pelo polo CRIA/FCSH-Nova)